



Língua Ticuna (ou Tikuna)

Marília Facó Soares

Lingüista do Museu Nacional/UFRJ (professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e do Programa de Pós-Graduação em Lingüística) e pesquisadora do CNPq.

Do ponto de vista histórico-comparativo, a língua Ticuna (ou Tikuna) ainda é considerada como um tipo isolado único. Greenberg (1987) fez o Ticuna aparecer como membro de um suposto tronco Macro-Tukano. No entanto, devido a falhas nos procedimentos empregados – em que dados foram considerados de maneira inaccurada, em que não houve controle dos empréstimos e em que falsas etimologias foram criadas –, o trabalho de Greenberg (1987) resultou em uma classificação probabilística bastante criticada e sem o necessário respaldo científico (ver a propósito Kaufman, 1990). Em termos de suas propriedades específicas, o Ticuna apresenta pontos em comum com algumas outras línguas indígenas faladas no Brasil, ao mesmo tempo em que oferece características desafiadoras, quer quanto à fonologia, quer quanto à sintaxe. Tais características podem ser observadas nos estudos de Soares e Montes, que realizam pesquisa direta sobre essa língua, respectivamente, no Brasil e na Colômbia.

Fonologicamente, possui o Ticuna um sistema tonal complexo - em que as manifestações fonéticas não apresentam, de maneira transparente e direta, todas as motivações dos processos que as originam. Quando, em 1959, Lambert Anderson revelou ao mundo que o Ticuna era uma língua tonal, fez a sua revelação ser acompanhada da afirmação de que "É de particular interesse para o campo lingüístico o sistema de cinco níveis fonêmicos de altura que constituem o primeiro sistema de tom assim intrincado a ser encontrado na América do Sul. Até agora admitiu-se que na América do Sul não havia línguas tonais de tipo semelhante às da China, da África ou do México (...)" (cf. Anderson, 1959: 77). Nos dias de hoje, as análises até o momento efetuadas alcançaram reduzir o número de tons subjacentes/ fonológicos propostos para o Ticuna – língua na qual são materialmente encontrados os seguintes níveis fonéticos de altura (pitch): alto, meio-alto, médio, meio-baixo, baixo e extrabaixo. Os tons fonológicos podem ser maximamente reduzido a dois – os tons alto e baixo (Soares, 1995b; 1996; 1998) – ou ter a sua redução limitada a três – os tons alto, médio e baixo (Montes, 1987; 1995). O tom médio foi considerado como não-especificado na representação fonológica subjacente por Soares em 1994 (ver Soares, 1995a). O argumento utilizado desde então é o de que o tom médio - contrastivo em Ticuna, mas sem atividade fonológica - deve estar ausente de certos morfemas para que haja uma expressão perfeita de processos ligados aos tons, entre os quais a dissimilação tonal, ligada ao Princípio do Contorno Obrigatório (OCP ou PCO). A ausência do tom médio das representações subjacentes/fonológicas e a sua materialização fonética em Ticuna insere essa língua diretamente no debate internacional sobre subespecificação/não-especificação em fonologia (Soares, 1998; 2001). Com relação aos tons fonológicos alto e baixo, esses não se propagam automaticamente em Ticuna (Soares, 1998): sua propagação, que não é obrigatória, diz respeito unicamente às representações finais, sendo que, para esse processo: (i) há exigência de adjacência silábica; (ii) o domínio de propagação é a palavra morfológica e o legitimador indireto é a vogal não-especificada do ponto de vista

tonal. A idéia de legitimação combinada àquela da não-especificação do tom médio pode dar conta dos fatos do Ticuna referentes à palavra morfológica. Os tons alto e baixo podem alcançar realizações fonéticas extremas (respectivamente mais alta e mais baixa) devido a alguns efeitos já identificados, como o alinhamento do tom com a margem da palavra e o papel da oclusão glotal.

Tipologicamente, o Ticuna é uma língua nominativo-acusativa. Apresenta flexibilidade na ordem dos constituintes maiores de uma sentença, sendo que a chamada ordem Sujeito Objeto Verbo (SOV) – analisada como derivada ou não – é, em si, suficiente para a explicitação de funções sintáticas. A língua apresenta tópico sentencial morfológicamente marcado e ocupante direto da periferia esquerda da sentença. Esse fato convive com uma assimetria entre sujeito e objeto, na qual é o objeto que sobressai, já que sua situação sintática se apresenta como muito mais elaborada do que aquela do sujeito: uma lacuna estrutural é admitida para sujeitos, mas não para objetos; a construção conhecida como redobro do clítico é uma possibilidade sintática associada a diferentes posições ocupadas pelos argumentos interpretados como objetos (e jamais por aqueles interpretáveis como sujeitos). A língua Ticuna também apresenta um sistema de clíticos e um sistema de marcação temporal fora dos padrões habitualmente considerados pelos lingüistas. Primeiro, porque clíticos são comuns em línguas pro-drop, isto é, línguas em que ocorre omissão do sujeito (abstratamente representado por pro) em orações finitas declarativas ou interrogativas; e o Ticuna é uma língua que, sendo pro-drop, necessita de uma investigação com respeito às categorias funcionais que servem como sítios de adjunção para os clíticos. Segundo, porque o Tempo, em diversas línguas, tem sido considerado como uma das categorias funcionais às quais os clíticos podem ser adjungidos (por exemplo, em grego e nas línguas românicas padrão, Tempo serve como hospedeiro para clíticos quando os traços de Tempo são fracos). E, em Ticuna, Tempo não é uma categoria funcional à qual os clíticos possam se adjungir (cf. Soares, 2000a; 2000b). Esses fatos possuem implicações para a teoria gramatical, sendo que uma delas é a assimetria entre sujeito e objeto, e a outra é o estatuto categorial do Tempo nas línguas naturais.

A língua Ticuna é, de modo geral, intensamente falada, por crianças, jovens e adultos, na vida quotidiana, inclusive em aldeias próximas às cidades. Dada a extensão da área em que é falada, constitui um campo fértil e ainda virgem para o estudo da variação lingüística. Assim, tipo isolado único, o Ticuna é importante para o conhecimento das línguas naturais e para a compreensão da história dos povos e das línguas indígenas faladas no Brasil.

